

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Setor privado assume a dianteira na negociação entre Brasil e Índia.....	2
Título: Queda do gás nos EUA ajuda a abrir o mercado no Brasil	3
Título: Exportação fica mais dependente de EUA e China	6
Título: Petróleo cai com temor de demanda menor.....	8
Título: Mercado projeta melhora no 4º trimestre	9
Título: São Martinho dá largada em créditos do RenovaBio.....	11
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo.....	12
Título: Brasil e Índia.....	12
Título: Petrobrás cancela palestra de economista liberal	14
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	15
Título: Petrobras cancela palestra com economista que criticou governo	15
VEÍCULO: O Globo	16
Título: O medo contamina mercados globais.....	16
Título: Vale e Petrobras perdem R\$ 34 bi em valor de mercado.....	18
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	19
Título: O espelho entre Brasil e Índia	19

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 28/01/2020****Seção: Brasil****Autor: Assis Moreira e Marcelo Ninio****Título: Setor privado assume a dianteira na negociação entre Brasil e Índia**

No total, 164 empresas indianas se registraram para o fórum de empresários do qual Bolsonaro participou em seu último dia da visita à Índia. O presidente foi aplaudido de pé mais de uma vez, com representantes empresariais indianos elogiando os rumos tomados pelo governo na economia.

De concreto, porém, só surgiram “promessas sem oportunidade de concretização” durante café da manhã de Bolsonaro com alguns grandes empresários indianos, conforme contou um participante. Mas ficou claro na visita que o setor privado dos dois lados não vai esperar governos para buscar negócios nos respectivos mercados.

Em seu discurso, Bolsonaro voltou a dizer que “o Brasil mudou”. O ministro indiano do Comércio, Indústria e Ferrovias, Piyush Goyal, prometeu “mover montanha para atingir nossos objetivos comuns”.

O secretário Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais do governo brasileiro, Marcos Troyjo, destacou que, para o Brasil, a chamada Ásia do Leste é o epicentro da economia e que o atual desenvolvimento da Índia demanda mais alimentos e infraestrutura. E o Brasil tem condições de exportar mais frango e outros produtos importantes para esse mercado.

Em seu discurso aos empresários indianos, o ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, mencionou a estratégia de abertura da economia brasileira e elogiou a Índia, país que ao seu ver “está se modernizando sem abrir mão de suas tradições e valores, e está se construindo a partir de suas raízes e essência e não a partir dos dogmas dos que formam o mundo pós-nacionalista ou antinacionalista”.

Araújo destacou que a Índia não seguiu “aqueles que dizem que nações deveriam renunciar a suas identidades para serem competitivas”. E completou dizendo que “é justo o oposto. Apenas nações que se reconhecem como nações podem aspirar ser algo no mundo. Essa é a lição da Índia e também a que o Brasil está tentando dar ao mundo”.

De seu lado, a ministra brasileira da Agricultura, Tereza Cristina, afirmou à plateia que o Brasil vai se tornar “uma potência agroambiental global”. O ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, disse aos empresários

indianos que o crescimento econômico do Brasil está acelerando e o país terá que atender ao aumento da demanda de energia em cerca de 4% ano nos próximos dez anos, o que gera oportunidades importantes de investimentos.

Segundo ele, a participação de fontes renováveis na matriz energética do país vai aumentar para 48% na próxima década. Ele destacou ainda o papel do setor nuclear na transição energética. “Será uma prioridade para o Brasil. Temos vantagens únicas nessa área, dominamos o ciclo do combustível nuclear, possuímos grandes reservas de urânio e pretendemos ser atores relevantes no mercado de combustível nuclear”, afirmou.

Entre executivos presentes, o diretor-superintendente da WEG Energia, João Paulo Gualberto da Silva, disse a jornalistas que a empresa está aberta a oportunidades na Índia. A WEG acabou de anunciar a expansão de sua fábrica próxima de Bangalore, no sul da Índia, para produzir motores industriais.

Outras empresas brasileiras aproveitaram para informar sobre seus investimentos no país. A startup SalaryFits quer vender o conceito de crédito consignado na Índia e já trabalha com dois bancos locais para isso. O escritório Nelson Wilians & Advogados Associados, de São Paulo, inaugurou endereço em Nova Déli. E, apesar de a tributação sobre bebidas alcoólicas na Índia superar 160%, a Taverna Mineira acaba de fechar um contrato para venda de 5 mil litros da sua cachaça.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 28/01/2020

Seção: Empresas

Autor: André Ramalho

Título: Queda do gás nos EUA ajuda a abrir o mercado no Brasil

Desvalorização pode estimular consumidores livres e supridores

O cenário de baixa dos preços internacionais do gás natural, neste início de 2020, deve se estender pelos próximos anos. Especialistas consultados pelo **Valor** acreditam, no entanto, que a indústria brasileira em geral não deve se beneficiar de imediato da queda das cotações do gás natural liquefeito (GNL). Por outro lado, a desvalorização do combustível pode ajudar na abertura do mercado de gás no Brasil, estimulando o surgimento dos primeiros consumidores livres e de novos supridores, como alternativa ao domínio da Petrobras.

Na semana passada, os preços do gás nos Estados Unidos atingiram patamares mais baixos em quatro anos, para menos de US\$ 2 o milhão de BTU (sigla em inglês para unidade térmica britânica, usada para mensurar o volume do gás) no

mercado spot. Isso em meio ao inverno no Hemisfério Norte, período em que a demanda, geralmente em alta, costuma puxar para cima os preços.

A Empresa de Pesquisa Energética (EPE) estima que, com a entrada de novas unidades de liquefação até 2021, no mundo, o cenário de baixa nos preços deve se estender, pelo menos, pelos dois próximos anos. A previsão da estatal é que a demanda global só deve voltar a ultrapassar a capacidade máxima de produção de GNL nos próximos quatro a cinco anos.

Em 2019, a Petrobras já vinha se beneficiando, de certa forma, de um cenário de baixa de preços e chegou a importar, entre setembro e outubro, cargas abaixo de US\$ 4 o milhão de BTU (metade do preço do gás que ela vende para algumas distribuidoras), segundo o Ministério de Minas e Energia. Essa queda dos custos, contudo, não se traduzem, necessariamente, em ganhos para o consumidor final.

Os EUA são o principal fornecedor de GNL do Brasil e quedas nos preços do gás, lá, poderiam trazer ganhos aos consumidores brasileiros. O diretor-executivo da Gas Energy, Rivaldo Moreira Neto, diz, no entanto, que a Petrobras é praticamente a única fornecedora de gás para as distribuidoras estaduais e reajusta preço com base na cotação do petróleo, e não do gás.

Para Moreira Neto, embora a queda dos preços do GNL não traga um impacto imediato para os consumidores no Brasil, há um “efeito psicológico muito relevante” sobre o momento de abertura do mercado. Ele destaca que há novos terminais de regaseificação privados sendo construídos no Brasil - pela Golar, no Sergipe, e pela Gás Natural Açu (GNA), no Rio de Janeiro - e que a Petrobras vai arrendar a sua unidade na Bahia. A entrada de novos supridores, num contexto de baixa dos preços internacionais, portanto, cria uma “janela de oportunidade” para que indústrias busquem oportunidades no mercado livre.

“Talvez estejamos entrando num cenário de sobreoferta como um novo normal no mercado internacional de GNL. E não estamos fechados ao mundo. A Petrobras mantém seus preços referenciados ao petróleo e não há um efeito imediato. Mas até 2021 podemos ter até três terminais de GNL privados no Brasil. Isso traz uma oportunidade de acesso a novos supridores de forma competitiva. O cenário de baixa dos preços dá tração para que novos competidores da Petrobras surjam”, comentou.

Para o consultor, o cenário é favorável tanto para potenciais consumidores livres, que poderão acessar contratos de curto prazo competitivos, quanto para o surgimento de novos fornecedores. “O cenário ajuda o supridor a acessar outras fontes de gás para montar seu portfólio. Além do pré-sal, por exemplo,

esse fornecedor poderá contar com a importação de GNL a preços competitivos para compor um mix de fontes”, explica.

O diretor de estratégia e mercado da Associação Brasileira das Empresas Distribuidoras de Gás Canalizado (Abegás), Marcelo Mendonça, afirma que o ambiente externo mais favorável pode beneficiar também o mercado cativo. “O GNL, hoje, é um balizador de preços para o Brasil. Vai pressionar a Petrobras a ter preços mais competitivos. Se não, ela vai perder espaço para o GNL”, afirma.

O gerente de gás da Associação dos Grandes Consumidores de Energia (Abrace), Adrianno Lorenzon, destaca que outra vantagem da queda dos preços internacionais é o reforço do mercado brasileiro como um destino para o gás do pré-sal. “As petroleiras multinacionais que produzem no pré-sal veriam uma vantagem maior de monetizar suas reservas aqui do que exportar o gás, num cenário de preços baixos”, explica.

Para que os benefícios do GNL mais barato cheguem ao país de fato, no entanto, há desafios pela frente. Mendonça acredita que ainda serão necessários cerca de cinco anos para que o mercado brasileiro de gás passe por mudanças mais estruturais. Ele destaca que o preço baixo do GNL e a ociosidade da infraestrutura de regaseificação do Brasil trazem excelentes oportunidades de desenvolvimento, mas que a abertura do setor passa pela necessidade de que as empresas assumam riscos. E que faltam muitas regulamentações ainda na indústria de gás no país.

“Ainda é preciso vencermos algumas barreiras. Não existem, por exemplo, regras estabelecidas para o compartilhamento de terminais de GNL. Precisamos resolver questões mais urgentes para haver competição na oferta. Sem isso [mais ofertantes], não haverá um gás mais competitivo”, disse.

Lorenzon lembra que os terminais de GNL do Sergipe e Açu começarão a operar, mas sem conexão à malha de gasodutos, o que limita a capacidade de internalização desse gás importado mais barato. Ele defende que as discussões legislativas sobre a revisão do modelo de outorga dos novos gasodutos podem inibir investimentos.

“No curto prazo o impacto do barateamento dos preços do GNL é zero para o Brasil. É frustrante. Quem ganha de imediato é a Petrobras, que importará gás mais barato e melhorará a sua margem. No médio prazo podemos vir a surfar essa onda, mas vai depender do quanto vai durar esse vale dos preços”, diz.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 28/01/2020

Seção: Brasil

Autor: Marta Watanabe**Título: Exportação fica mais dependente de EUA e China**

Durante vigência do conflito entre os dois países, vendas brasileiras subiram de 34,2% para 41,3%

Durante a vigência do conflito entre Estados Unidos e China, as exportações brasileiras ficaram mais dependentes dos dois países que protagonizaram o conflito. Do fim de 2017 até o ano passado, a fatia das exportações brasileiras destinadas aos dois países passou de 34,2% para 41,3%, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) ligada ao Ministério da Economia. A assinatura do acordo entre os chineses e americanos, segundo analistas, pode afetar os embarques brasileiros, principalmente rumo ao país asiático. Eventual impacto do surto de coronavírus na economia chinesa também pode afetar a exportação do Brasil ao país asiático num prazo maior.

Welber Barral, sócio da Barral M Jorge e ex-secretário de Comércio Exterior, diz que as exportações para os EUA estão praticamente estáveis nos últimos anos, com oscilações setoriais e de pouca margem. Já para a China, as exportações devem cair, principalmente a de soja e outros grãos, já que as compras chinesas tendem a ser direcionadas à produção americana.

Para Barral, pode haver impacto no preço da soja, com queda de 3% a 5% no ano em relação ao ano passado, o que também afeta o valor exportado pelo Brasil. “Esse foi o prêmio que os chineses pagaram no ano passado pela soja”, diz ele. A queda pode não chegar a esse nível, diz ele, se houver eventual má safra de grãos nos EUA. Já o surto de coronavírus, diz Barral, não deve afetar os embarques à China imediatamente, mas podem acontecer efeitos no médio prazo caso o surto desacelere a economia chinesa.

Dados da Secex mostram que o avanço dos dois países como destino das exportações brasileiras se deu mais pela China, cuja fatia cresceu seis pontos percentuais nos últimos dois anos - de 21,8% para 28,1% - enquanto os embarques aos americanos aumentaram quase um ponto percentual no período, de 12,3% para 13,2%.

As exportações brasileiras para a China aumentaram de US\$ 47,5 bilhões em 2017 para US\$ 62,9 bilhões no ano passado. As vendas aos americanos cresceram de US\$ 26,9 bilhões para US\$ 29,6 bilhões no mesmo período. Os embarques totais do Brasil avançaram de US\$ 217,7 bilhões para US\$ 224 bilhões.

O avanço das exportações brasileiras nos últimos dois anos para a China aconteceu principalmente de 2017 para 2018, quando o valor embarcado ao país asiático cresceu 35%. De 2018 para o ano passado a venda de produtos brasileiros aos chineses na verdade caiu 1,7%. A queda, porém, foi bem menor que os 6,4% de recuo das exportações agregadas do Brasil no mesmo período, o que levou a novo avanço da fatia da China entre os destinos de produtos brasileiros.

A evolução das exportações brasileiras para a China nos últimos dois anos foi influenciada principalmente por soja, petróleo e minério de ferro. De 2017 a 2019, a exportação de soja aos chineses subiu pouco, de US\$ 20,3 bilhões para US\$ 20,5 bilhões, mas em 2018 atingiu pico histórico de US\$ 27,3 bilhões. A alta na época, segundo analistas, aconteceu em razão do conflito entre EUA e China e da quebra de safra da produção argentina.

Puxados principalmente pelo preço, os embarques de petróleo dobraram, saltando de US\$ 7,4 bilhões em 2017 para US\$ 15,4 bilhões no ano passado. No mesmo período, as vendas de minério de ferro aos chineses avançaram de US\$ 10,4 bilhões para US\$ 13,1 bilhões.

A representatividade da China e dos Estados Unidos nas exportações brasileiras é natural, já que os dois países são os grandes importadores mundiais, diz José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). Segundo dados da Organização Mundial do Comércio (OMC), o maior importador no ranking mundial em 2018 foram os Estados Unidos, com fatia de 13,2% dos desembarques mundiais, seguidos da China, com fatia de 10,8%.

O avanço dos dois países como destino dos produtos brasileiros, diz Castro, se deu também porque a exportação brasileira oscilou no período. Ao mesmo tempo, caíram os embarques para a Argentina, importante parceiro comercial do Brasil em bens manufaturados que, em crise, perdeu o poder de compra, observa ele. O embarque do Brasil ao país vizinho caiu de US\$ 17,6 bilhões em 2017 para US\$ 9,7 bilhões no ano passado, o que representou queda de participação de 8,1% para 4,3% nas exportações brasileiras do período.

Para Rafael Cagnin, economista do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), o acordo entre China e Estados Unidos deve causar mudança no fluxo de comércio. No caso do Brasil, a tendência é afetar mais as exportações brasileiras de grãos, mas o impacto pode também atingir os embarques de produtos manufaturados, já que os exportadores chineses de bens industrializados podem elevar os esforços na conquista de fatias novas no mercado internacional, inclusive na América do Sul. Ao mesmo tempo, a China pode aumentar a fatia de vendas de manufaturados ao Brasil, cujo cenário promete recuperação econômica este ano, ainda que lenta.

O que pode amenizar o cenário para as exportações brasileiras, diz ele, é a perspectiva de recuperação da economia global em relação ao ano passado. Em relatório divulgado neste mês, o Fundo Monetário Internacional (FMI) estima crescimento de 3,3% para 2020 e de 3,4% para 2021, após os 2,9% projetados para 2019. Apesar da leve aceleração indicada, as estimativas representam uma baixa de 0,1 ponto percentual nas projeções anteriores para 2019 e 2020 e de 0,2 ponto percentual para 2021 em relação às estimativas divulgadas em outubro do ano passado. O rebaixamento nas projeções foi creditado à incerteza em relação ao desempenho de economias emergentes, tendo a Índia como destaque.

Cagnin lembra, porém, que o Brasil vem perdendo posições como exportador bem antes da crise argentina ou do conflito entre Estados Unidos e China. O economista cita dados da Organização Mundial do Comércio (OMC), cujos relatórios mostram que o Brasil perdeu cinco posições no ranking dos países exportadores, caindo da 22ª colocação em 2008 para o 27º lugar em 2018. “O retrocesso é patente e a disparidade com o tamanho de nossa economia só aumenta, pois temos o nono maior PIB do mundo.”

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 28/01/2020

Seção: Mundo

Autor:

Título: Petróleo cai com temor de demanda menor

Os preços do petróleo caíram mais de 2% ontem, refletindo os temores de desaceleração na demanda global pela commodity diante da rápida disseminação do novo coronavírus

Os preços do petróleo caíram mais de 2% ontem, registrando as mínimas desde outubro, refletindo os temores de desaceleração na demanda global pela commodity diante da rápida disseminação do novo coronavírus.

“A recuperação do crescimento global será limitada por causa do impacto do coronavírus sobre o crescimento chinês, possivelmente, durante o primeiro semestre”, disse Edward Moya, analista da corretora OANDA.

O preço do petróleo Brent - referência internacional - caiu 2,3% e fechou a US\$ 59,32 por barril.

Numa tentativa de conter a disseminação do vírus, o governo chinês impôs restrições de viagens que afetam quase 50 milhões de pessoas em dezenas de cidades. Pequim também prorrogou o feriado de Ano Novo Lunar por mais dois dias, até 2 de fevereiro.

O novo coronavírus atinge a China num momento que a economia já enfrenta dificuldades e uma desaceleração adicional no ritmo de crescimento terá significativo impacto na demanda por petróleo. A China é o maior importador global da commodity. Em 2019, as importações chinesas atingiram o volume recorde de 10,12 milhões de barris por dia.

Os cancelamentos de voos na China são outra preocupação para o setor de petróleo, uma vez que o combustível para aviação representa cerca de 15% do crescimento da demanda por energia do país, segundo relatório do banco de investimentos RBC Capital Markets.

A pressão de queda nos preços pode persistir ou piorar se o novo coronavírus continuar se espalhar”, disse Mark Waggoner, presidente da corretora Excel Futures.

As preocupações com o impacto da epidemia na demanda global levaram alguns membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) mais a Rússia a discutir ontem como responder à crise, segundo fontes do cartel. Mas ainda não há planos para realizar uma reunião de emergência.

Fontes da Opep ouvidas pela agência Reuters disseram que as “discussões preliminares” incluem uma prorrogação da atual restrição na oferta de petróleo para além de março e, até mesmo, um corte adicional na produção.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 28/01/2020

Seção: Empresas

Autor: Raquel Brandão

Título: Mercado projeta melhora no 4º trimestre

Analistas e gestores esperam bons números em mais setores nos balanços de outubro a dezembro

Os resultados das companhias abertas brasileiras no quarto trimestre de 2019, cuja divulgação começou ontem com a Cielo, devem refletir a retomada gradual da economia e uma melhora disseminada pelos setores produtivos, com números ruins restringindo-se a algumas empresas que se posicionaram mal para aproveitar o cenário mais benigno. É o que dizem gestores de fundos e analistas de mercado ouvidos pelo **Valor**.

Os gestores e estrategistas da Mauá Capital, da Galt Investimentos, da Guide Investimentos e os analistas da Nord Research também acreditam que os números das companhias devem reproduzir a lógica do “copo meio cheio”:

serão majoritariamente positivos, mas não atenderão à elevada expectativa gerada pelo otimismo que se viu nos últimos meses do ano.

Para Igor Lima, sócio e gestor da Galt Investimentos, o quarto trimestre deve ser similar ao terceiro e dar continuidade a um cenário de números fortes, mas não espetaculares. “Houve muita euforia no fim do ano com indicações de que o PIB estava acelerando e crescendo a uma taxa anualizada de 3%, mas alguns indicadores divulgados em janeiro deram sinais que exigem cautela.” No varejo, por exemplo, embora as companhias tenham reportado fortes vendas na Black Friday, os dados de novembro - divulgados no último dia 15 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - mostraram alta de apenas 0,6% em relação a outubro.

Mas, mesmo entregando números um pouco abaixo das expectativas, as empresas que “fizeram o dever de casa” vão mostrar resultados bons, diz Renato Ometto, gestor de renda variável da Mauá Capital. Ometto afirma que a safra de balanços deve ser especialmente positiva para as empresas listadas no Ibovespa, índice que reúne as ações com maior volume negociado nos últimos meses na B3. Ele calcula que as empresas que compõem a carteira devem reportar crescimento médio de 25% de lucro por ação no consolidado de 2019.

As companhias de varejo on-line, ou com grande exposição a esse tipo de comércio, devem ser os destaques da temporada, como Magazine Luiza, B2W e Via Varejo. Essa última, diz Cesar Crivelli, analista de varejo da Nord Research, tem se beneficiado de melhorias promovidas pela nova gestão e investido na estrutura de seus negócios on-line.

Também da Nord Research, Ricardo Schweitzer destaca que as companhias mais expostas ao mercado doméstico se beneficiaram mais do que as ligadas ao mercado externo, visão compartilhada pelos outros entrevistados. Gestores e analistas chamam atenção para o desempenho das construtoras, que divulgaram resultados operacionais consistentes - em especial a EZTec -, e das locadoras de veículos, como Unidas (ex-Locamérica) e Localiza. “Em algumas praças, a demanda foi tão alta que faltaram veículos para locação no período entre Natal e Ano Novo”, diz Lima, da gestora Galt.

O setor aéreo é outro que deverá reportar avanços expressivos, não só beneficiado pela retomada do consumo, mas, também, pela redução de oferta em consequência da paralisação das operações da Avianca Brasil. O estrategista-chefe da Guide Investimento, Luís Sales, diz que os dados operacionais do segmento foram altos, especialmente para a Azul.

Outro setor que deve registrar bom desempenho é o de proteínas, não tanto pela demanda do consumo interno, mas principalmente pelas atividades de

exportação, impulsionadas pela peste suína na China. Os destaques, nesse setor, ficam para Minerva e Marfrig, segundo Sales.

No setor de commodities, Petrobras e Vale devem seguir como destaques. A petroleira busca uma operação mais enxuta e eficiente e a mineradora, embora tenha um balanço “poluído” por provisões e indenizações relacionadas a Brumadinho (MG), deve mostrar forte desempenho operacional refletindo a menor oferta global de minério de ferro, que sustentou os preços em patamar alto.

O quarto trimestre também servirá como uma espécie de indicador de melhora nos trimestres seguintes para siderúrgicas e companhias de celulose: houve alta de preços - com visão mais otimista para Usiminas e CSN - e, no setor de papel e celulose, as companhias, em especial Suzano, reportarão desestocagem mais intensa.

Os menores índices de crescimento deverão ser observados nos bancos, principalmente entre os maiores, acreditam Luis Sales, da Guide, e Matheus Amaral, da Nord Research. A principal razão para essa perspectiva é a pressão sobre as margens devido à queda de juros e consequentes mudanças nas operações de crédito. O resultado porém não pode ser entendido como ruim, segundo Ometto, da Mauá, que destaca a queda da inadimplência como um fator positivo.

No jargão do mercado, resultado passado não é garantia de resultado futuro, mas o último trimestre de 2019 pode ajudar a avaliar onde o copo “meio cheio” pode se tornar “meio vazio” ou “quase cheio”. “Um trimestre é pouco para avaliar o resultado de uma empresa, mas começa a ditar quem pode sair na frente, em especial no varejo”, avalia Sales.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 28/01/2020

Seção: Agronegócios

Autor: Camila Souza Ramos

Título: São Martinho dá largada em créditos do RenovaBio

Grupo sucroalcooleiro emitiu 15 mil títulos de descarbonização

O Grupo São Martinho foi a primeira empresa produtora de biocombustíveis a completar o processo de criação de Créditos de Descarbonização (CBios), que serão vendidos em mercado de balcão para que as distribuidoras cumpram as metas de descarbonização estabelecidas pelo programa RenovaBio. Um CBio equivale a uma tonelada de gás carbônico evitada com o uso de um biocombustível no lugar de um combustível fóssil.

Até o momento, foram emitidos 15 mil “pré-CBios” referentes a vendas do etanol produzido pela Usina Boa Vista, em Quirinópolis (GO) e efetivadas entre 24 e 31 de dezembro, disse ao **Valor** Helder Gosling, diretor comercial do grupo.

Os “pré-CBios” são emitidos na Plataforma CBio, gerida pelo Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro), a partir da inserção das notas fiscais das vendas de etanol realizadas e da checagem do sistema. Com a geração desses títulos, as instituições financeiras que se cadastrarem para o programa poderão escriturá-los.

Na safra 2018/19 (encerrada em março passado), a Usina Boa Vista emitiu 134.151 toneladas de gás carbônico em seus processos (considerando o escopo 1 da metodologia do Programa Brasileiro GHG Protocol), de acordo com o último relatório de sustentabilidade do grupo. Isso significa que, em uma semana, a venda de etanol produzida nessa unidade - que, nos tanques, substituirá o uso de combustível fóssil - foi capaz de compensar o equivalente a 11% das emissões da unidade na safra anterior.

Na Usina Boa Vista, cada litro de etanol hidratado vendido pode emitir 776,9 CBios - ou seja, cada litro de etanol hidratado, quando utilizado em substituição à gasolina, “evita” a emissão de 776,9 toneladas de gás carbônico equivalente. Cada unidade produtora de biocombustível tem sua pegada de carbono específica no RenovaBio.

O Grupo São Martinho está em fase final de contratação de uma instituição financeira para escriturar os CBios, o que depende da aceitação da B3 das instituições que queriam participar, segundo Fabio Venturelli, presidente do grupo. “Estou otimista com a evolução dos agentes financeiros, que já começam a se demonstrar qualificados e capacitados. E, na ponta compradora, vemos as distribuidoras preparadas para operacionalizar”, acrescentou.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 28/01/2020

Seção: Notas e Informações

Autor:

Título: Brasil e Índia

O presidente Jair Bolsonaro encerrou sua visita à Índia, para onde viajou como convidado de honra por ocasião das celebrações pelo Dia da República naquele país. Nos três dias de viagem, no entanto, a agenda do presidente brasileiro foi além da deferência diplomática. Bolsonaro e seu contraparte no país asiático, o primeiro-ministro Narendra Modi, assinaram 15 acordos e memorandos de

entendimento nas áreas de tecnologia, energia, previdência social, agricultura e saúde, entre outras.

Segundo o governo federal, esses acordos têm potencial para aumentar dos atuais US\$ 6 bilhões para US\$ 50 bilhões o comércio anual entre os dois países até 2022. Em que pese o exagero dessa projeção, as parcerias firmadas estreitam os laços entre o Brasil e a Índia, o que decerto projeta reflexos positivos na balança comercial do País.

Destaca-se a assinatura do Acordo de Cooperação e Facilitação de Investimentos (ACFI), o 15.º compromisso desta natureza firmado pelo País, o primeiro com um país asiático. O ACFI é importante porque representa a adoção, pelos países signatários, de medidas que visam à melhoria da governança institucional, à criação de mecanismos bilaterais a fim de “mitigar os riscos e prevenir as controvérsias” nas transações comerciais e à elaboração de “agendas temáticas para a cooperação e facilitação dos investimentos”. Em suma, a assinatura do ACFI torna mais previsível e ao mesmo tempo menos engessada a relação comercial entre os países que o adotam. O acordo prevê, inclusive, a designação de um órgão para atuar como ombudsman em cada país signatário. No Brasil, este papel compete à Secretaria Executiva da Câmara de Comércio Exterior (Camex).

À luz da relação comercial e da parceria estratégica entre os dois países em diversas áreas, as coisas parecem ter sido bem encaminhadas pelo governo federal em Nova Délhi. Brasil e Índia são duas economias vigorosas e só têm a ganhar se a distância que os separa permanecer restrita à geografia. A Índia é reconhecidamente um país que se sobressai nas áreas de tecnologia e energia. O governo brasileiro firmou importantes compromissos para cooperação nos setores de óleo e gás, bioenergia e segurança cibernética, como a criação do Programa de Cooperação Científica e Tecnológica, com vistas à implementação de um acordo científico entre os dois países para o período 2020-2023. Por sua vez, empresas brasileiras têm grandes investimentos na Índia nos setores de motores elétricos, siderurgia, automação bancária e comercial e mineração.

A dimensão econômica do elo entre o Brasil e a Índia não pode ser diminuída, evidentemente. Mas tampouco deve ser o único - ou o principal - olhar sobre a aproximação promovida por Jair Bolsonaro e Narendra Modi. Brasil e Índia estão entre as cinco maiores democracias eleitorais do mundo (a Índia é a maior, com 1,4 bilhão de habitantes). Isto não quer dizer que os dois líderes sejam devotos fervorosos dos valores democráticos. Ambos compartilham a visão de que uma nação é, antes de tudo, composta por indivíduos que comungam determinada fé e em seu nome aderem a um sistema de valores muito particular. Os que não se enquadram neste grupo não pertencem ao “povo” e, portanto, não devem usufruir dos mesmos direitos e liberdades. O nacionalismo hindu personificado

por Modi persegue implacavelmente cerca de 200 milhões de muçulmanos indianos. É como se um número de cidadãos equivalente a toda a população brasileira fosse tratado como pária pelo governo indiano. Aqui, desde o primeiro dia de mandato, Jair Bolsonaro ignora o fato de que é o presidente de todos os brasileiros, e não apenas dos que o apoiam ou comungam de sua fé religiosa.

Em comunicado conjunto ao final da visita de Estado, Brasil e Índia destacaram os “valores compartilhados pelos dois países”, assim como os “laços de amizade” que os unem. Esta união jamais deve servir para solapar os valores democráticos.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 28/01/2020

Seção: Economia

Autor: Fernanda Nunes

Título: Petrobrás cancela palestra de economista liberal

Deirdre McCloskey, professora em Chicago, disse em entrevista ao ‘Estado’ que o governo Bolsonaro ‘é qualquer coisa, menos Liberal’

A Petrobrás cancelou uma palestra que seria ministrada ontem pela economista americana Deirdre McCloskey. Ela disse, em entrevista publicada pelo ‘Estado’ no último domingo, que o governo Bolsonaro “é qualquer coisa, menos liberal”.

A economista é defensora do liberalismo como único modelo econômico capaz de eliminar a pobreza. A palestra programada para a manhã de ontem era para a diretoria e funcionários da Petrobrás.

Deirdre defende que o liberalismo não convive com hierarquias, como de “homem sobre mulher, heterossexuais sobre gays ou Estado sobre indivíduos”. “Um ministro da Economia não faz tudo funcionar, é preciso ter outras políticas por trás. (...) Bolsonaro pode ser capturado pelos interesses, especialmente dos mais ricos”, acrescentou.

O ministro da Economia, Paulo Guedes, e o presidente da petroleira, Roberto Castello Branco, integram o grupo dos Chicago Oldies, uma turma de executivos e especialistas nas áreas de economia e finanças que estudou na escola liberal de Chicago, nos Estados Unidos. Deirdre lecionou em Chicago na mesma época que Guedes frequentou a universidade americana.

Para Deirdre, que é transexual, o título de “liberal” ultrapassa a esfera econômica. Em sua opinião, na América Latina, principalmente no Brasil, liberalismo é sinônimo de “reacionário e violento”. Ela ainda diz que no governo Bolsonaro há um “fascismo contra gays”.

A Petrobrás, por meio de sua assessoria de imprensa, afirmou que a palestra foi cancelada por conta da agenda da diretoria.

A conversa faz parte do programa Diálogos do Conhecimento, um ciclo de palestras voltado à “alta administração”, segundo a assessoria. Cinco palestras estão agendadas para ocorrer até maio. Com exceção dos oradores do setor público, os demais são remunerados, o que já custou R\$ 100 mil à estatal.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 28/01/2020

Seção: Mercado

Autor: Ivan Martínez-Vargas e Nicola Pamplona

Título: Petrobras cancela palestra com economista que criticou governo

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO- A Petrobras cancelou a palestra da economista americana Deirdre McCloskey para seus funcionários, prevista para esta segunda-feira (27). A decisão foi tomada três dias após McCloskey dar uma entrevista dizendo que o governo de Jair Bolsonaro não era liberal.

Intitulada “O cerne da liberdade é a liberdade econômica”, a palestra estava prevista para as 16h. No convite, enviado na semana passada, McCloskey é apresentada como “defensora da ideia de que só o liberalismo elimina a pobreza”.

O cancelamento foi anunciado aos empregados por volta das 10h desta segunda. O texto não explica as razões do cancelamento e diz que convite para o próximo evento da série será enviado em breve.

A economista está no Brasil para participar de um evento em São Paulo promovido pelo banco Credit Suisse. Na sexta (24), em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo, disse que “os governos de Trump e de Bolsonaro são qualquer coisa, menos liberais”.

“A ideia principal do liberalismo é que não haja hierarquias: homem sobre mulher, heterossexuais sobre gays ou Estado sobre indivíduos”, afirmou ela, que mudou de gênero no final dos anos 1990.

À Folha a Petrobras disse que a palestra foi cancelada porque houve mudança na agenda da diretoria da empresa, que está envolvida na divulgação de oferta pública de ações da estatal que pertencem ao BNDES.

McCloskey é professora na Universidade de Illinois, em Chicago, nos Estados Unidos. Lecionou também na Universidade de Chicago, onde o presidente da Petrobras e o ministro da Economia, Paulo Guedes, estudaram. Ao assumir a área econômica do governo Bolsonaro, o grupo ligado a Guedes se auto intitulou Chicago Oldies (os velhos de Chicago).

Apalestra de McCloskey seria transmitida ao vivo pela rede interna da Petrobras, assim como outros eventos da série Diálogos da Transição, que foi iniciada em junho de 2019.

A economista seria remunerada pela apresentação, mas a Petrobras não informou o valor ao ser questionada pela reportagem.

A Folha entrou em contato com McCloskey, mas não havia obtido resposta até a conclusão deste texto.

Até o momento, dez palestrantes foram convidados pela empresa — alguns remunerados e outros não —, ao custo de aproximadamente R\$ 100 mil, disse a estatal.

Entre eles, está o secretário de Privatizações do Ministério da Economia, Salim Mattar, e o diretor da Embrapa Evaristo Miranda.

Do setor privado, participaram do projeto o presidente do Santander, Sérgio Rial, e os professores da FGV — onde Castello Branco estava antes de assumir o comando da estatal — José Júlio Senna e Fernando Velloso. A edição anterior, em novembro de 2019, teve o cardiologista Cláudio Domênico.

VEÍCULO: O Globo

Data: 28/01/2020

Seção: Colunas

Autor: Miriam Leitão

Título: O medo contamina mercados globais

Ações, moedas, petróleo, em todos os mercados do mundo ontem foi um dia difícil. O pior em meses. Por onde se olha na economia pode haver impacto se o corona-vírus se espalhar mais. Ainda que o risco seja contido, já está afetando. A China é um país que quase não tem férias, e os poucos dias de folga são os da comemoração do Ano Novo Lunar. Desta vez, não houve festas, as ruas ficaram vazias e trabalhadores estrangeiros que viajaram não estão voltando. As viagens em geral estão restritas, centros industriais estão dando férias coletivas. O país

que puxa a economia mundial e que nunca para está parando e vai consumir menos.

É isso que os mercados refletiam ontem.

O Ibovespa caiu 3,29%, a maior queda desde março, o dólar subiu para R\$ 4,21, a Petrobras recuou 4,3% e a Vale, 6,1%. O Brasil é grande fornecedor de commodities para a China. O índice composto das bolsas euro-peias caiu 2,3%. Nos EUA, houve queda nos três principais índices. Dow Jones zerou os ganhos do ano. Montadoras internacionais como a Nissan, PSA e Renault anunciaram que estavam tirando seus empregados estrangeiros das plantas em áreas da China que foram atingidas pelo vírus, segundo o “Financial Times”.

Os trabalhadores do centro industrial de Suzhou, com 11 milhões de habitantes, onde estão essas montadoras e fornecedores da iPhone como a Foxconn, tiveram sua volta ao trabalho adiada por mais de uma semana. Os bancos que se expandiram muito pelo interior da China estão mantendo longe os seus funcionários. Xangai, com 21 milhões de habitantes, determinou que todos os negócios parem até o dia 9 de fevereiro. Há inúmeras decisões que vão afetar a atividade no curto prazo.

Os investidores estão reagindo ao desconhecido. Ninguém sabe dimensionar os efeitos sobre a economia do coronavírus. Os receios são de que a economia chinesa, que cresceu 6,1% no ano passado, a menor taxa em quase 30 anos, tenha desaceleração mais brusca em 2020. O consumo do país pode ser afetado, assim como o turismo, as companhias aéreas, e até mesmo os investimentos. O índice de volatilidade VIX disparou 30% ontem e atingiu o maior patamar desde setembro. O petróleo do tipo Brent caiu para US\$ 58, no menor patamar do ano. Se no início de janeiro o medo era de disparada da cotação por um conflito entre EUA e Irã, agora o movimento é oposto, de queda das commodities. O preço cai porque os investidores temem o encolhimento do consumo chinês.

O anúncio da Organização Mundial de Saúde (OMS) de que estava corrigindo a classificação de risco de vírus de moderado para alto, o aumento do número de mortes e infectados, tudo tem sido motivo para aumento do medo. Na economia ele se expressa nas cotações.

Especialistas e infectologistas têm dúvidas se ampliar feriados é a melhor estratégia para lidar com o surto porque as autoridades podem ter mais dificuldade pra localizar, tratar e isolar os infectados. A restrição às viagens pode ter acontecido tarde demais, depois de o vírus já ter se espalhado. O “NYT” chamou atenção para o aumento de postagens com críticas ao governo, desafiando a censura e o controle que a ditadura chinesa impõe sobre as redes sociais.

A volatilidade tem dominado os mercados nos últimos tempos. Uma notícia mais tranquilizadora pode reverter tudo o que aconteceu ontem, mas esse surto, e a evolução imprevisível do vírus, acontece num momento em que já há muito pessimismo. A PwC divulgou pesquisa que faz todo ano com os maiores CEOs do mundo. Em 2018, os presidentes das empresas estavam no pico de otimismo, agora estão no ponto mais baixo recente de pessimismo quando fazem previsões sobre a economia global. Eles apontam vários riscos: incerteza, mudança climática, conflito comercial, desafios cibernéticos. Tudo isso elevando o temor de desaceleração global. Nesse ambiente já instável bate o temor do avanço de um vírus perigoso.

A economia do Brasil começa a se recuperar agora, depois da recessão e da estagnação que consumiu os últimos cinco anos. Do nosso ponto de vista, é um péssimo momento para algo tão tenebroso acontecer. A China é nosso maior parceiro comercial. Mas o risco é muito maior do que vender menos. O que mais assusta é a incerteza sobre o que vai acontecer com a saúde no mundo se não conseguirem conter esse vírus.

VEÍCULO: O Globo

Data: 28/01/2020

Seção: Economia

Autor: Gabriel Martins

Título: Vale e Petrobras perdem R\$ 34 bi em valor de mercado

Preocupação com desempenho da economia chinesa afeta ações de empresas fornecedoras de matérias-primas

A preocupação dos investidores com os efeitos do coronavírus na economia global derrubou as ações das empresas ligadas a commodities listadas no Ibovespa (índice de referência da Bolsa de São Paulo). Somente Vale e Petrobras, juntas, perderam R\$ 34,1 bilhões ontem em valor de mercado.

A Vale, que tem na China um dos seus principais compradores de minério de ferro, teve um recuo de R\$ 17,3 bilhões. A Petrobras, por sua vez, registrou perdas de R\$ 16,8 bilhões.

CRESCIMENTO MENOR

Em percentuais, os papéis da mineradora desabaram 6,12%, a R\$ 50,51. Já as ações da petrolífera caíram 4,21% (ordinárias, com direito a voto), a R\$ 29,80, e 4,33% (preferenciais, sem voto), a R\$28,03.

A maior queda do Ibovespa foi das ações PN da Gerdau: 7,94%, a R\$ 19,95. Os papéis ON da siderúrgica caíram 7,51%, a R\$ 9,60.

Analistas avaliam que a propagação do vírus e as medidas tomadas por Pequim — prorrogação do feriado, proibição de viagens ao exterior — reduzam o crescimento da segunda maior economia do mundo. Isso resultaria em uma menor demanda por commodities, como minério de ferro e soja, por parte da China.

A Bolsa de referência para a negociação do minério de ferro, Dalian, está fechada por conta do feriado chinês do Ano Novo Lunar. Em Cingapura, no entanto, os contratos da commodity recuaram 6% ontem.

— Existe mais receio quanto à disseminação do coronavírus. Agora, o mercado começa a questionar de que forma a doença pode impactar a capacidade de crescimento da China e do mundo — avalia Rafael Antunes, sócio da Inove Investimentos.

O analista destaca que grande parte desse temor surge por contadas futuras medidas que Pequim pode adotar para conter o vírus. Por ora, já suspendeu as comemorações de Ano Novo, estendeu o feriado e fechou cidades que são foco de transmissão do vírus: — Fechamentos de portos e aeroportos devem atrapalhar a dinâmica da economia como um todo.

Desde o início das notificações de coronavírus, em 3 de janeiro deste ano, a Vale acumula uma perda de R\$ 18 bilhões. A Petrobras, por sua vez, tem recuo de R\$ 29,8 bilhões.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 28/01/2020

Seção: Opinião

Autor:

Título: O espelho entre Brasil e Índia

O presidente Jair Bolsonaro foi convidado de honra do primeiro-ministro Narendra Modi's para visitar a Índia durante o Dia da República. O que se pode esperar quando o líder da maior nação Sul-Americana visita a maior nação Sul-Asiática? Os dois líderes firmaram múltiplos acordos, desde exportações agrícolas até cooperação em segurança cibernética e medicina. Houve discursos de amizade e sobre a necessidade de nações emergentes se aliarem para fortalecer seu poder de barganha.

Mas esperemos que os líderes tragam também ambições que de fato alcancem transformações duradouras. Por diversas vezes, tive o privilégio de visitar tanto a Índia quanto o Brasil, apoiando empresas globais em seus objetivos comerciais. E o que percebo são dois países com similaridades extraordinárias, que logram tornar-se parceiros indispensáveis no século 21.

Pode ser difícil valorizar as afinidades entre dois países quando as diferenças são tão predominantes. Um tem sua história datada de milhares de anos, enquanto o outro é uma nação bem mais jovem. Têm pouco em comum étnica ou religiosamente e, com exceção de Goa, não falam a mesma língua.

No entanto, essas diferenças mascaram enormes semelhanças. Ambos os países têm democracias vigorosas, onde partidos políticos se formam, se unem e se dividem em um caleidoscópio incessante. Trazem um protecionismo que inibe a competição internacional e tem indústrias estatais que dominam setores-chave. São ricos em recursos humanos e têm suas economias impulsionadas pela expansão da classe média, que clama por melhores serviços públicos, incluindo educação, saneamento básico e saúde.

E, mesmo assim, as trocas bilaterais são ínfimas. O comércio total chega a US\$7 bilhões, pouco acima do que esteve em 2004, a última vez que um chefe de Estado brasileiro participou do Dia da República, quando totalizou US\$1,5 bi. Enquanto isso, o comércio do Brasil com a China escalou de US\$4 bilhões para mais de US\$100 bilhões no mesmo período. Claramente, recursos estão sendo inutilizados no que diz respeito ao comércio Brasil-Índia.

Então, o que Bolsonaro e Modi podem fazer para ajudar suas respectivas economias e setor privado a atingirem seu potencial? O agronegócio apresenta a oportunidade mais evidente e imediata. Ciclos de cultivo complementares e mercados internos de tamanho considerável tornam os dois países parceiros ideais no setor. A empresa indiana Shree Renuka Sugars, por exemplo, está alavancando a moagem de açúcar durante todo o ano nos dois países visando tornar-se um dos maiores produtores mundiais de açúcar. Ademais, um dos principais objetivos do presidente Bolsonaro será impulsionar as exportações brasileiras de etanol. Em troca, o Brasil está preparado para ajudar os agricultores indianos a implementar um programa de etanol mais eficiente que reduz a

dependência de subsídios e promove melhorias na qualidade do ar na Índia.

Além do etanol, as oportunidades em energias renováveis são abundantes. Apesar do ceticismo de ambos sobre os custos de combater as mudanças climáticas em países em desenvolvimento, Bolsonaro e Modi estabeleceram metas louváveis para expandir o uso da energia solar. Ambos podem se beneficiar de investimentos paralelos neste setor. Em veículos elétricos, por exemplo, Tata Marcopolo representa uma parceria promissora. A empresa brasileira fabricante de ônibus, Marcopolo, formou uma joint venture com a indiana Tata Motors, para oferecer ônibus e veículos ao mercado indiano.

Alterar políticas de comércio também pode gerar mais fôlego para a cooperação. Sob Bolsonaro, o Brasil está formando novas alianças, e essa transição, atrelada à saída da Índia da Parceria Econômica Compreensiva Regional da Ásia (RCEP), abre caminho para uma nova abordagem comercial. Regimes preferencias para mercadorias beneficiariam tanto as grandes multinacionais em São Paulo e em Mumbai como as empresas de pequeno e médio porte em Belo Horizonte, Curitiba, Hyderabad e Chandigarh.

Muitas dessas pequenas e médias empresas estão, inclusive, desenvolvendo soluções inovadoras em respostas às demandas da classe média de ambos os mercados. Essas empresas estão redefinindo o acesso, por exemplo, a serviços e produtos financeiros por meio do uso de pagamentos digitais, microsseguros, e on-line banking, beneficiando empreendedores e donos de micronegócios.

Quando Modi e Bolsonaro se encontraram no Dia da República, torcemos para que desenvolvessem uma relação comercial capaz de lançar mais projetos como Tata Marcopolo e apresentar uma gama mais variada de produtos aos mercados consumidores. É chegada a hora de os países se olharem no espelho e se reconhecerem um no outro, em benefício de ambas as nações.

MME / ASCOM .